

Studijní text

Tento studijní text je elektronickou kopií výňatku z textu a je určen pouze pro studenty Filozofické fakulty Masarykovy univerzity. Je určen výlučně k použití ve vyučování pro ilustrační účel nebo pro vědecké účely, jak je stanoveno v autorském zákoně (Zákon č. 121/2000 Sb., o právu autorském, o právech souvisejících s právem autorským a o změně některých zákonů, ve znění pozdějších předpisů). Studenti mohou text použít jen pro studijní účely. Je zakázáno text či jeho část jakkoliv dále šířit, kopírovat nebo používat na jiné účely, než je uvedeno výše.

e os anjos de calcário a voltarem a cabeça para me seguirem enquanto eu descia as escadas arrastando a mala bolorenta, arrastando o baú limoso, os anjos a voltarem a cabeça enquanto eu descia à pressa a vereda de ciprestes, coxeando no tacho quebrado, perseguida pelos latidos dos cães.

COMENTÁRIO

Sinceramente ignoro do que está a falar. Sou oficial do Exército, tenente coronel na reserva e se não cheguei mais longe não foi por ausência de mérito mas por começar por baixo, ter vindo de soldado, alistar-me na tropa com a terceira classe amanhada e depois segundo cabo, primeiro cabo, furriel, sargento, alferes aos quarenta anos, tenente aos quarenta e seis, capitão aos cinquenta, se não cheguei mais longe foi porque os meninos ricos da Academia Militar, que nunca comeram o pão que o Diabo amassou, nunca passaram fome e levaram vida airada desde o berço me barraram o caminho, me olharam sempre de alto, de nariz torcido, armados em viscondes, me receberam com maus modos, me humilharam, me tratavam por cima da burra, me não falavam na messe, me não convidavam para jogar às cartas ou ao póquer de dados se faltava um parceiro, me impediram as promoções com intrigas, cabalazitas, manobras, cochichos aos padrinhos que comandavam as armas, aos sogros brigadeiros, aos tios generais, e eu sem padrinhos comandantes das armas, sem sogros brigadeiros, sem tios generais

(o avô da minha mulher era torneiro mecânico em Viseu e o irmão da minha mãe bêbedo em Serpa, passava a maior parte do ano a cozer a cerveja no posto da guarda e duvido que qualquer deles, apesar de bastante competentes na chave inglesa e no gargalo, influenciasse de forma pronunciada as decisões do ministro da Defesa)

eu sem padrinhos nem sogros nem tios acabei tenente coronel na reserva nesta moradia da Madre de Deus que sei lá como você descobriu dado não vir no meu nome na lista dos telefones e sim no do pai da minha mulher órfã de meses quando a conheci, uma moradia geminada que apesar de económica na minha opinião não é feia de todo, com o canteiro de begónias à frente, o canteiro de begónias atrás, umas alfacezitas que plantei rente ao muro, ao fim da tarde trago uma cadeira, a Revista de Artilharia e o guarda-sol de praia lá de dentro e fico até à hora do jantar, de óculos escuros e com um bocado de creme a fim de proteger a testa e o nariz, a olhar as alfaces e a aprender obuzes lembrando-me de Serpa, não é que Serpa me agrade especialmente ou tenha muita coisa para lembrar mas entre lembrar-me de Serpa e a alternativa de Serpa, pensar na vida que levo, prefiro Serpa de caras, ao menos em Serpa não me comparavam com desprezo, vinte vezes ao dia, a um defunto chefe de secção na Companhia dos Telefones que pesava cento e dez quilos e ela traz ao peito num coraçõzinho de ouro sem eu compreender como consegue respirar com tanta banha em cima, um chefe de secção da Companhia dos Telefones que às quintas-feiras comunica com a filha, em chamadas de longa distância, por intermédio da central da mesa de pé de galo de uma vidente em Chelas, que cobra caríssimo para ligar ao Paraíso com o argumento lógico de que se falar para os Estados Unidos é caro o que fará o céu, compare os quilómetros dona Emília, multiplique os períodos faça as contas e diga-me, de maneira que a pensão do pai se vai toda em conversas e sou eu quem a sustenta a ela e à casa com a minha reforma, ou seja sustento-a para a ouvir lamentar-se do dia em que me conheceu e lhe espalhei a minha colecção de canhões por toda a parte que nunca se sabe em que altura desatam a disparar e a furar o tecto, sem falar no barulho, no cheirete a pólvora, no incómodo dos vizinhos um bocado aborrecidos com o morteiro que lhes caiu no quintal e pulverizou as galinhas, sobraram estas

penas, olhe, sobrou um cacarejo que nem sei de onde vem, pulverizou as galinhas e deixou a roupa a secar

chegue aqui e repare dona Emília

numa tristeza de buracos, pois olhe que eu ando muito sossegada a limpá-los que tudo nesta vida ganha pó, se os sentimentos que são mais escondidos ganham pó que se farta calcule o que não sucede aos objectos sem vitrine, ando muito sossegada a limpá-los e zás, uma barulheira enorme, uma coluna de fumo e a igreja do Beato para o galheiro, um stand de automóveis direitinho à sucata, a churrascaria de Marvila a servir os frangos em torresmos e a poupar no carvão, a minha mulher a louvar o finado, criatura, apesar da sua vastidão, pacífica e amante do silêncio, que se entretinha sem maçar ninguém com as borboletas e os selos que felizmente são mudos, e detestava de tal modo frangos em torresmos, fogachos e explosões que nem banho tomava para não abrir o gás, de maneira que ao fim da tarde, para não a aturar, trago uma cadeira, a Revista de Artilharia e um guarda-sol de praia, ponho óculos escuros e um bocado de creme a fim de proteger a testa e o nariz, encolho os ombros se algum morteiro sai a zunir pela janela, levanto o braço contente se algum morteiro acaba de vez com a estação de Santa Apolónia ou com o cemitério judeu, misturando num puré de cinzas carruagens e lápides, e fico até à hora de jantar a olhar as alfaces, a aprender obuzes e a lembrar-me de Serpa, piteiras, pombos bravos, cardos e bócios, dúzias de bócios tomando o fresco no coreto, e no que se refere a si confesso-lhe que ignoro por completo do que está a falar, não percebo nada dessa história de Salazares e Estado Novo e ministros e namoradas de ministros e ruas Castilhos, mas se prefere entrar por aí claro que era sargento na época da revolução, que antes de ter sido sargento fui furriel, é natural, furriel condutor e não entendo que interesse possa ter para um livro a maneira de pensar de um furriel de trinta anos acabado de chegar de cabo, é certo que me chamo Tomás, é certo que me colocaram há imensos anos no Terreiro do Paço mas em lugar

de falarmos não quer antes que lhe traga uma cadeira e um guarda-sol de praia para gozarmos a tarde, ouvem-se os pavões da mata, nem precisamos de falar, e no momento em que o escuro impedir de nos distinguirmos um ao outro você mete os seus papéis e as suas gravações na pasta que não há utilidade em desenterrar o passado e desampara-me a loja sem fazer perguntas, esquece tudo e nunca me viu na vida, deixe o Salazar que já bateu a bota em descanso, deixe o ministro que apodrece por aí num hospital qualquer em descanso, no momento em que o escuro impedir de nos vermos um ao outro esqueça-me que eu faço a mesma coisa do meu lado e pronto, assunto resolvido, continuo a tratar das hortaliças em sossego, continuo a envelhecer em sossego, já reparou no brilho dos legumes se anoitece, na cintilação do limoeiro, como tudo se torna nítido e claro antes das trevas, o contorno dos telhados, o contorno das janelas, a vibração de susto de água das cortinas, uma fissura microscópica da parede ou uma minúscula nódoa de gelado agora enormes e nas quais nunca tínhamos atentado, já reparou como os sons e as vozes mudam de cor, íntimos, vizinhos, inquietantes, como parece que habitamos uma redoma de silhuetas e de ecos, acontecia-me levar o senhor ministro à quinta, em Setembro, e sentir-me flutuar entre os cedros, suspenso de um arame invisível como os peneireiros e os milhafres sobre Serpa no verão, exactamente no mesmo sítio de manhã e no dia seguinte e no outro e no outro, os peneireiros e os milhafres que ainda lá devem estar como me sucede a mim permanecer em Palmela entre os canis e as rosas, com a respiração dos lobos da Alsácia contra a rede de ferro, mirando-me de pupilas conformadas e tristes, a dona Titina a chamar-me dos degraus com o espanador na mão, arranjando o carrapito com os dedos livres

– Não quer um prato de sopa Tomás?

e eu à mesa entre o jardineiro e o tractorista enquanto o senhor ministro se pavoneava pela casa com a rapariga vestida de espantalho que desencantou numa loja do Chile, nem sequer bonita, nem sequer jeitosa, nem

sequer muito limpa, com menos de metade da idade dele, em que a gente nem reparava se por acaso a cruzasse na rua, um bocado gorda, um bocado pata choca, um bocado molenga, que sinceramente não se compreendia o que o homem apreciava nela, se fosse inteligente, se fosse simpática mas não era, era um trapinho de timidez, um pudim de espanto, um arrepio de medo, o senhor ministro a pavonear-se pela casa com o espantalho que coxeava nos sapatos cambados a cheirar a bafio, todo solicitudes, atenções, delicadezas, mal se atrevendo a tocar-lhe no receio de quebrá-la, o senhor ministro que no Cais das Colunas, livre da pata choca e diante do Tejo, recuperava zanga, autoridade e desdém

– Quero que acompanhes a polícia a Espanha para prender o general

três carros de matrícula estrangeira e o chefe de brigada ao meu lado, um indiano enorme a contar histórias do Tarrafal e de Peniche e daquele que enlouqueceu e se julgava Dom Afonso Henriques e daquele que se enforcou e daquele que bebeu a urina na covazinha da mão, o indiano a dar-me pancadas nas costas o trajecto inteiro, e lá estavam os peneireiros e os milhafres parados desde a minha infância sobre campos de sobreiros e de oliveiras amarelas, lá estava o meu tio no fundo do poço onde o encontrámos um dia, a gente espreitou e demos com a sua cara lá em baixo a sorrir-nos, há ocasiões em que ao barbear-me de manhã esbarro com os dentes azuis dele arreganhando-se no espelho, uma fieira de dentes azuis engastados nas gengivas azuis que me escarnecem, peneireiros e milhafres, oliveiras amarelas, ratos, silêncio, tudo igualzinho à porcaria de Serpa que só de pensar em Serpa vomito, e o que bebeu a urina, e o que gatinhava em círculos a grunhir na frigideira do Tarrafal à procura das fezes no apetite de comê-las, até que às oliveiras se substitufram montes dispersos, trigo seco que a geada crestara, a ponte de madeira de um rio e a seguir ao rio, que era uma fila de caniços com um barco inútil amarrado a um espigão, a seguir ao rio, dizia eu

(repare no brilho das alfaces agora, na cintilação do limoeiro, da janela, das cortinas de crochet, do muro, repare como tudo se torna preciso e nítido e cresce no sentido da noite)

a seguir ao rio um moinho num espaço de penedos, dois ou três pinheiros mansos pesados de abelhas, pontinhos dourados como quando se espirra, as guaritas desbotadas da fronteira, o indiano a exhibir passaportes, o que comia as fezes a chorar de cabeça nas mãos, um moinho simétrico do lado oposto, abelhas douradas, dois ou três pinheiros mansos também, de tal forma que se me afigurava repetirmos a viagem de há pouco, oliveiras, trigo que a geada crestara, pássaros de asas abertas pregados ao céu, e o senhor ministro, a apodrecer por aí num hospital qualquer, chamando-me ao gabinete diante do senhor major que lhe mostrava documentos, fotografias, cartas

– Acompanhas no meu lugar a polícia a Espanha para prender o general

o general barrigudo, de bigode postiço e cabeleira postiça, numa pensão com a secretária que os vimos chegar a pé num vagar de turistas os vimos entrar, os vimos subir para o quarto, a beberem a urina, a comerem as fezes, a responderem às perguntas de pé, com um foco voltado para eles e criaturas disformes a gritarem no escuro, vimos o estore descer, a varanda apagar-se, e o indiano que não contava histórias do Tarrafal e de Peniche, não falava da chegada dos presos nos navios de Lisboa nem da diarreia nem da malária nem do cheiro dos mortos, o indiano que já não se divertia com a memória dos cadáveres nem me dava palmadas nas costas, o indiano, sem que eu entendesse o motivo, a borbular de ódio pelo general barrigudo da cabeleira postiça por trás do estore apagado

– Malandro

o indiano ao meu ouvido estremeçando num soluço

– Eu mato-o

que se lhe escutavam as unhas a crescer, a barba a crescer, em busca da arma no casaco e a querer

entrar na pensão para obrigar o general a chorar de cabeça nas mãos, nós pendurados dele, implorativos

– Espera

e no dia seguinte instalámo-nos de manhã cedo onde de acordo com o mapa do senhor major devíamos esperar, com uma chaminé de fábrica, as perdizes a rebolarem de arbusto em arbusto, um bando de cabras a trotar numa penha, eu a desmoronar-me de cansaço e o indiano a saltar do banco num turbilhão de fúria

– Eu mato-o

poupas num carvalho, uma cobra rateira, as antenas e os prédios da cidade ao longe, o meu tio a sorrir-me do poço com os dentes azuis, o eco muito antigo de um galo ou um cachorro de quintal, os homens a subirem-no com uma corda e a estenderem-no à frente da casa com o relógio de colete que se erguia a tampa com o polegar parado nas seis horas, a minha avó para o meu tio a puxar-lhe a gravata

– Afonso

o meu tio indiferente a ela, a nós, ao padre, o meu tio calado às gargalhadas e a minha avó a puxar-lhe a gravata

– Afonso

estufas de tomateiros a duzentos metros, trezentos se tanto, cobertas de plásticos prateados ao sol, calhaus, capim alto, um cruzamento de caminhos, devia existir uma lagoa em qualquer lado pelas hesitações do vento, nenhum ruído de motor, nenhum cheiro de escapes, o indiano ou a minha avó a puxarem-me a roupa, o indiano de dentes azuis a puxar-me o colarinho

– Eu mato-te

o inspector que desembrolhava pastilhas para o estômago amontoando papelinhos no cinzeiro a conferir o mapa, a percorrer a linha das estradas com o anular, a deter-se numa cruz a lápis, a somar quilómetros na margem, a orientar-se por um campanário de igreja, a sepultar o mapa no bolso enquanto o indiano segurava um

gafanhoto, lhe acendia um isqueiro por baixo e as patas, semelhantes a ganchos de cabelos, tombavam uma a uma, e por fim as perdizes assustadas sumindo-se na terra, um reflexo metálico a surgir e a desvanecer-se, um motor a cem passos de nós, a cinquenta passos, a vinte passos e o inspector fora do carro, o indiano fora do carro, eu fora do carro a olhar, como olhei o meu tio ao retirarem-no do poço, com a mesma incompreensão e o mesmo terror, e quem trazia o jornal a pedir numa careta

– Matem-no

o general barrigudo, de bigode postiço, de cabeleira postiça, vestido com um fato castanho ou cinzento de notário e ao lado do general uma mulher de carteira pendurada ao ombro, o general e a mulher a avançarem para nós, outra vez o eco muito antigo do galo e do cachorro, as cobertas de plástico prateadas do sol, a bexiga a soltar-se-me, as minhas pernas húmidas, as peúgas e os sapatos como se caminhasse num pântano, uma perdiz para aqui e para ali e o general de mão estendida

– Companheiros

a cobra rateira num intervalo de calhaus, as poupas, que eram poupas pela maneira de voar, eram de certeza poupas, erguendo-se à uma do carvalho num temporal de ganidos, num temporal de asas, a minha avó para o meu tio a empurrar-lhe o peito com a sandália

– Afonso

o capim a tremer, o campanário da igreja sem tocar a rebate, a mulher de carteira ao ombro fixa no inspector, fixa no indiano, subitamente alerta, arredondando a boca num protesto calado, o general barrigudo a escorregar num desnível de erva, a endireitar-se, a limpar a calça, a ajustar a cabeleira, a ajustar o bigode

– Companheiros

e o indiano

– Malandro

destravando a pistola a segurar o fato castanho, o fato cinzento de notário, um ganido de poupas,

uma revoada de olhos, uma revoada de corpos escuros e de vírgulas de penas escapando-se de nós, o relógio parado nas seis horas, os dentes azuis que sorriram inalteráveis o velório inteiro, que aposto continuam a sorrir sob a terra, a mulher de carteira ao ombro

– O que é isto o que é isto

e não se ouviram tiros, quer dizer eu pelo menos sou capaz de jurar que não ouvi tiro nenhum, tudo se passou numa mudez de aquário, num vagar de congros, até a demora dos gestos, dos movimentos, das quedas, e no entanto o general a esvaziar-se de si mesmo dobrado sobre o ventre, com uma espumazinha esquisita no nariz, o general com um dos pés descalço de braços num talude a perder a cabeleira postiça, o bigode postiço, um terço do crânio quando o inspector, não, o indiano, acho que foi o indiano, se abraçou a ele, a voz preocupada do senhor ministro a arrulhar beijinhos gaiteiros ao espantinho

– Gostas de mim não gostas Isabel?

as poupas a depenarem o carvalho, milhares de poupas no céu inteiramente branco a depenarem o carvalho, o campanário da igreja a vir e a ir como um pêndulo, a vir e a ir, a vir e a ir, a mulher sentada no chão afastando-nos com as palmas abertas

– O que é isto o que é isto?

um cano de pistola na boca e ela a pular para trás numa desordem de boneco, o meu casaco com farrapos vermelhos, a minha camisa com farrapos vermelhos, um farrapo vermelho a escorregar-me do queixo e a cair como uma lesma, em lugar de esmagá-la encostei-me ao automóvel e principiei a chorar, e o senhor ministro no Cais das Colunas, com o retrato do senhor almirante de um lado e o retrato do professor Salazar do outro, num tonzinho tranquilo, sem deixar de escrever

– E o que fizeram aos cadáveres Tomás?

as estufas de tomateiros mais distantes agora, o carvalho sumido numa lombá, as poupas sem fala, os prédios da cidade invisíveis, um bosque de chaparros ao

alcance de um grito, as estufas de tomateiros mais distantes agora mas com o reflexo das cobertas de plástico a cegarem-me de tal forma que mal me apercebi de o indiano abrir o porta-bagagens e entregar uma pá aos outros e uma pá a mim

– Cavem

as cobertas de plástico a cegarem-me de tal forma que mal me apercebi do indiano abrir o porta-bagagens, tirar do meio das pás um saco de cal viva e a cal viva dissolver os farrapos vermelhos, devorar uma manga, um cinto, o que se me afigurou um anel, um pedaço de nuca, a carteira da mulher, e embora eu mal me apercebesse, derivado ao reflexo das cobertas de plástico, tapámos a cova e cobrimo-la com ramos para impedir os cães de se guiarem por uma suspeita de cheiro, o indiano recolheu as pás e o saco de cal viva e passei a viagem de regresso entontecido pelos faróis em sentido contrário, pelos candeeiros da estrada, pelas lâmpadas das aldeias, pelas lanternas dos restaurantes da berma, pelo braço estendido para nós

– Companheiros

e no Cais das Colunas o senhor ministro com o retrato do senhor almirante de um lado e o retrato do professor Salazar do outro, num tonzinho tranquilo, sem deixar de escrever

– Cal viva Tomás?

eu queria falar-lhe do carvalho, das estufas de tomateiros, das cobertas de plástico que me cegavam e do campanário da igreja para cá e para lá, queria falar-lhe do farrapo vermelho no meu casaco, na minha camisa, a escorregar-me do queixo, a cair como uma lesma e em lugar de pisá-la encostei-me ao automóvel a chorar, queria falar-lhe do bigode postiço, da cabeleira postiça e do indiano a abrir o porta-bagagens e a entregar-me uma pá, queria falar-lhe do braço estendido para nós no silêncio de aquário

– Companheiros

e o senhor ministro a levantar-se, a calar-me com a mão, a contornar a secretária estalando os suspensórios, a dirigir-se à poltrona do espantalho com aquele vestido e aqueles sapatos e aquelas luvas e aquela água de colónia de baú que me recordava a esposa do farmacêutico de Serpa quando eu era criança, o senhor ministro hesitante, inseguro, tímido, a pousar a mão na mão dela, eu em sentido e o senhor ministro a arrulhar beijinhos na direcção de uma criatura que massajava o tornozelo dorido sem lhe ligar nenhuma, desprezando-o, enfadando-se dele

– Gostas de mim não gostas Isabel?

o senhor ministro de cócoras diante da poltrona alheado do general e da mulher de carteira no ombro, alheado dos tiros, do inspector, do indiano, alheado da cal viva alastrando sobre os ossos e dos corpos a pularem para trás numa desordem de bonecos, o senhor ministro a afagar um par de meias puídas, laceradas de malhas

– Gostas de mim não gostas Isabel?

o espantalho percebe que não era bonita, não era bem feita, não era vistosa, parecida com uma criada de servir da província a trabalhar ao balcão de uma retro-saria do Chile e que não se chamava Isabel chamava-se Milá ou Mina ou Micá ou outra parvoíce assim, com um nardo de noiva a que faltavam pétalas a murchar-lhe no colo, o espantalho sem lhe responder a seguir pela janela os barcos do Seixal e o senhor ministro contra o ouvido dela

– Gostas de mim não gostas Isabel?

e é escusado aborrecer-me com gravações, rolos de película, dossiers, contar-me isto e aquilo, perguntar-me seja o que for porque ignoro o que está a dizer, sou oficial do Exército na reserva, habito esta moradia económica da Madre de Deus com um canteiro de begónias à frente e um canteiro de begónias atrás, sou um velhote que a única coisa que pretende é que o deixem tranquilo, que o deixem definitivamente tranquilo com a sua cadeira, a sua Revista de Artilharia, o seu guarda-sol de praia, os seus óculos escuros e o seu creme de proteger a testa e o nariz,

olhando as alfaces até à hora do jantar a lembrar-se de Serpa, o mais que posso fazer é trazer outra cadeira, outros óculos escuros, outro creme e convidá-lo, desde que guarde o microfone na pasta, a assistir comigo à chegada da noite, já reparou como tudo se torna nítido e claro antes das trevas, o contorno dos telhados, o contorno das janelas, a vibração de susto de água das cortinas, uma fissura microscópica da parede, uma nodoazita de gelado, já reparou como as vozes e os sons mudam de cor, íntimos, vizinhos, inquietantes, e a gente, quer dizer você e eu, a flutuar suspensos de um arame invisível como os peneireiros e os milhafres, a gente vogando esquecidos de tudo, principalmente esquecidos de tudo, esquecidos de tudo para sempre, você esquecido do livro e do Salazar e do ministro, e eu, que não lhe disse nada, que você sabe que não lhe disse nada, que por todo o dinheiro do mundo não lhe dizia nada, esquecido não de Serpa, não da minha mulher, não do defunto das chamadas celestes mas esquecido de Espanha, eu que só me interessa esquecer-me de Espanha, só me interessa esquecer uma cabeleira postiça e um bigode postiço, só me interessa esquecer uma manga estendida para nós

– Companheiros

e que alguém dissolve logo num saco de

cal viva.

quinto relato

(Pássaros quase mortais da alma)